

Estudos literários, estudos culturais

Reposicionamentos*

Walter Moser

Professor da Universidade de Montreal

Resumo

O autor situa a discussão das relações entre estudos literários e estudos culturais, levando em conta as polêmicas sobre a noção de texto; a institucionalização de tais abordagens no ambiente universitário; as mútuas implicações das diversas concepções que os estudos culturais e a teoria literária têm um do outro, propondo uma visão positiva da tensão entre ambos.

Palavras-chave

Estudos literários; estudos culturais; texto.

Abstract

The author places the discussion of the relationship between Literary Studies and Cultural Studies, taking into account the polemic about the notion of text, the institutionalization of such approaches in universities, and the mutual implications of the different conceptions that Cultural Studies and Literary Theory have of each other, proposing a positive view of the tension between them.

Keywords

Literary Studies; Cultural Studies; text.

I. A situação atual dos estudos literários¹

1. A constatação da crise e da agonia

Ainda e novamente discute-se crise e morte em ciências humanas (em inglês, *The Humanities*), sobretudo no domínio dos estudos literários.²

* Esta publicação é o resultado de pesquisas subvencionadas pelo FCAR (Comissão de Pesquisadores e de Auxílio à Pesquisa) do Quebec e pelo CRSH (Conselho de Pesquisas em Ciências Humanas) do Canadá.

¹ Neste texto, evitarei falar em ciências literárias e culturais. Em seu lugar, farei uso dos termos mais modestos de estudos literários e culturais. Isso por dois motivos: inicialmente porque não acredito que a crítica, a análise e a interpretação da literatura possam ser exaustivamente definidas a partir de critérios científicos; em seguida, porque quero marcar a diferença entre os "Kulturwissenschaften", que hoje se estabelecem nas universidades alemãs, e os "Cultural Studies", fenômeno anglo-saxão ao qual me refiro neste texto como "estudos culturais".

² Para dar apenas um exemplo: o primeiro capítulo do livro de Patrick Brantlinger, *Crusoe's Footprints: Cultural Studies in Britain and America*, Nova York/Londres, Routledge, 1990, é intitulado "The Humanities (and a Lot More) in Crisis".

Ainda, porque a constatação de crise pertence integralmente à retórica da modernidade. Trata-se de um discurso, quando não de um clichê, a serviço de uma visão do mundo que insiste na mobilidade e na transformação permanentes das coisas.³ Novamente, porque, desta vez, a constatação está a serviço de uma causa particular: o surgimento e o estabelecimento dos estudos culturais. Pelo menos é desse ângulo que eu gostaria de examinar hoje a crise dos estudos literários. Reconduzido à sua forma rudimentar e reduzido a uma simplificação excessiva, o argumento que me interessa no início dessa reflexão deve ser lido como segue: os estudos literários estão em crise ou estão agonizando; é preciso desenvolver os estudos culturais.⁴

Uma vasta argumentação diversificada é mobilizada para nos convencer de que existem crise e agonia nos estudos literários. Menciono aqui esse fato apenas de forma parcial e bastante sucinta, a fim de determinar a situação e de poder, conseqüentemente, considerar as opções que permitem o desenvolvimento de uma nova dinâmica às fronteiras entre estudos literários (EL) e estudos culturais (EC).

O ataque mais radical contra uma disciplina consiste em provar a inexistência de seu objeto. De fato, o argumento ontológico põe fim ao debate: afirmar que não há resposta que satisfaça as questões "O que é literatura?", "Qual é a especificidade do texto literário?", "mostrar o estatuto fantasmagórico da "literariedade", são gestos que equivalem a uma condenação sem recursos dos estudos literários. O fato de constarmos simplesmente essa inexistência do objeto (como o faz, num determinado momento, Terry Eagleton), ou de demonstrarmos sua fabricação e denunciar-

mos a construção a partir de interesses particulares (como faz Antony Easthope), não passam de variantes do argumento ontológico que desemboca na abolição dos EL.

O paliativo empregado pelos EL em resposta a essa discussão radical consiste em transpor o argumento para o domínio pragmático. Se o texto literário não possui uma existência em si, tanto menos é capaz de constituir a partir dela uma realidade prática na vida simbólica e econômica de muitas sociedades. Já em 1978, Tzvetan Todorov punha um fim à caça à literatura ao declarar que "O que é literatura?" é uma questão falsa que precisa ser substituída pela pergunta "O que faz a literatura?". A definição do ato literário passa, portanto, da existência ao efeito, bem como à sua eficiência. Em outras palavras, é literário aquilo que é percebido, recebido, armazenado, consumido, comercializado etc. enquanto tal. A princípio, todo texto, e isto independentemente das vontades de seu autor, é suscetível de ser incluído num *corpus* literário, é literariamente "canonizável". A decisão é dos leitores e manipuladores – individuais ou institucionais – desse texto.

O argumento ideológico (e político) contra os EL consiste, por um lado, em identificar a natureza elitista dos objetos literários estudados e, por outro, em mostrar que é por meio desses objetos e de seu estudo que a sociedade burguesa transmite seus valores e interesses particulares como universais. O paliativo empregado pelos EL em resposta a esse argumento é de ampliar o *corpus* em direção às literaturas minoritária, popular e de massa. Não nos esqueçamos do interesse que certos pesquisadores e departamentos desenvolviam, a partir das décadas de 60 e 70, pela parali-

³ Quanto às reflexões bastante diferentes sobre a noção de crise, podemos, por um lado, referir-nos ao número especial que a revista *Communications* (n. 25, 1976) dedicou a "A noção de crise"; por outro, aos relatórios de Paul de Man em *Blindness and Insight: Essays in the Rhetoric of Contemporary Criticism*, Nova York, Oxford University Press, 1971, cuja análise confronta as noções de modernidade e crise.

⁴ Ver, a título de exemplo, esta conclusão de Terry Eagleton em sua *Critique et théorie littéraires: une introduction*, Paris, PUF, 1994, edição inglesa, 1983: "Aquilo que substituiria esses departamentos [de literatura] a longo prazo [...] colocaria as diferentes teorias e métodos de análise cultural no centro da educação."

teratura, pela literatura de cordel, pela *Trivialliteratur* etc.

A crítica social desenvolveu um argumento paralelo em seus próprios termos: o discurso literário usurpou um ponto central no interesse dos pesquisadores e da instituição universitária. De acordo com a lógica do discurso social, esse ponto privilegiado não lhe pertence.⁵ É, portanto, necessário corrigir essa deformação estudando e recolocando os textos literários na lógica mais ampla do sistema chamado "discurso social", em que a literatura torna-se um discurso entre outros e obedece a uma lógica de conjunto que não emana do campo literário.

Os EL foram igualmente atacados por partilhar sistematicamente seus interesses com o Estado nacional, bem como com seus excessos nacionalistas. Sendo assim, foram sentidos como a institucionalização de um conhecimento sobre a literatura a serviço do Estado nacional, cujo interesse consiste em provar que a vida artística e cultural segue as fronteiras nacionais, exprime o espírito nacional, conduzindo-o até a parúsia, e cria conteúdos e formas especificamente nacionais. A literatura transformou-se no campo privilegiado dessas preocupações do Estado porque a língua, sendo o principal material constitutivo e o intermediário da literatura, freqüentemente é reivindicada pelo Estado nacional como sua distinção e principal identidade simbólica. Não é preciso dizer que essa apropriação dos EL provoca grandes problemas e conflitos nos locais onde o território de um Estado nacional não coincide com a extensão geográfica de uma língua (havendo mais de uma língua num Estado ou apenas uma que seja compartilhada por vários Estados).

Em reação a esse nacionalismo do Estado,

que serve de base relativamente transparente à sua disciplina, os EL desenvolveram objetos sem obedecer a essa lógica. Ocuparam-se com o surgimento de movimentos literários que não coincidem com as fronteiras nacionais e que elaboram uma representação simbólica para causas e experiências culturais diferentes: a literatura feminina, a literatura autóctone, a literatura das diásporas, da classe operária etc. Muitas vezes, a literatura comparada – que pode ser considerada desde seu surgimento como um paliativo para a orientação nacional e para os usos nacionalistas dos EL – é o solo fértil e torna-se a fonte de origem dessas novas análises.⁶

Um argumento de tipo étnico, às vezes combinado com o enfoque feminista, foi dirigido contra os EL. Reconduzido a uma formulação que se tornou um verdadeiro discurso, quando não um clichê, ele consiste em desmascarar os EL como uma questão (que está a serviço) do *white man* ou do *white male* e que serve, portanto, para assegurar, ao mesmo tempo, a supremacia dos brancos em relação às outras raças e dos homens em relação às mulheres. O paliativo que os EL tentaram aplicar a essa discussão manifesta-se mais uma vez no *corpus* estudado e no remanejamento do "cânone literário". Quer se trate de uma ampliação (para um cânone centrado no "homem branco", acrescentam-se autores de outras etnias e raças, bem como autoras) ou de uma transformação radical (joga-se fora tudo que é *white male* e, em seu lugar, colocam-se autores aprovados pela retidão política dos pesquisadores).

Aí está um arsenal de argumentos críticos, e em parte devastadores, que constata e provocam a crise dos EL tal qual são praticados nas universidades. Certamente essa crise

ainda encontra-se incompleta, mas é suficiente para mostrar a gravidade da situação. Há alguns decênios, no interior e no exterior da disciplina, foram realizados debates importantes não apenas sobre os métodos, as orientações, o rigor científico, mas também sobre o benefício fundamentado, as legitimações sociais e institucionais dos EL. Não se trata, na verdade, do modo como funcionam, mas de sua razão de ser.

Sem minimizar a gravidade e a importância desse debate, mas desconfiando um pouco de alguns decretos teóricos que querem mudar o mundo com atos de linguagem peremptórios, retorno – a fim de atender às necessidades do meu próprio argumento – às evidências que os teóricos tendem às vezes a esquecer: até provem o contrário, a literatura existe em nossa sociedade e em muitas outras. Essa existência se manifesta de várias maneiras, tanto que um membro de nossa sociedade que saiba ler⁷ não pode ignorá-la: nas livrarias, nas bibliotecas, na imprensa escrita, nas bancas da estação, nas grandes lojas de departamento, recentemente também na televisão,⁸ na vida econômica, nas instituições universitárias, na construção de Estados nacionais pós-coloniais etc.

Transpor a questão para esse nível de evidência empírica é, logicamente, uma maneira de provocar um curto-circuito na bateria dos argumentos teóricos, de contornar o rigor e a solidez das reflexões feitas. Mas é também uma maneira de se situar no nível em que os EC propõem o estabelecimento de seu objeto: as práticas culturais de nossa sociedade. Afirmarei, portanto, que em nossas práticas culturais a literatura existe e ocupa um espaço que não deve ser negligenciado. Talvez esse espaço se retraia. Ele pode ser contestado, mas também facilmente reconhecido. Quanto

a esse aspecto, há portanto alguma coisa que deve ser estudada, mesmo se de improviso não soubermos assegurar as cartas de crédito ontológicas, metodológicas ou os salvo-condutos ideológicos e éticos, exigidos por alguns.

2. O que fazer? Algumas estratégias propostas

Os paliativos mencionados – todos dependentes de uma lógica da reforma – indicam que os EL não permaneceram estáveis ou estáticos e conheceram antes uma evolução interna espetacular nesses últimos milênios. Adotando um argumento dialético, poder-se-ia até mesmo afirmar que o vigor do seu desenvolvimento é proporcional ao radicalismo de sua discussão, em relação à vertente positiva de sua crise. Submetendo-se às discussões fundamentais, os EL sofreram transformações consideráveis.

Além disso, pode-se afirmar que contribuíram, de maneira decisiva, para provocar mudanças importantes na produção e na organização dos conhecimentos em ciências humanas. Do mesmo modo, participaram e realizaram estratégias interdisciplinares em ciências humanas. Sem certos desenvolvimentos (refiro-me, especialmente, ao desconstrutivismo que, procedente da filosofia, foi difundido principalmente pelos departamentos de literatura) no núcleo dos EL, a mudança de rumo linguística, tomada genericamente pelas ciências humanas e que se estendeu até as ciências sociais, não teria tido o impacto que conhecemos.

Porém, é preciso tomar cuidado para não atribuir aos EL um desenvolvimento homogêneo e linear. Não existe paradigma único ou unitário em EL que os defina como discipli-

5 O argumento foi desenvolvido por Marc Angenot, entre outros, por exemplo em sua obra *1889, um estado do discurso social*, Montreal, Le Préambule, 1989.

6 A respeito desse assunto, mencionarei sobretudo os trabalhos de Wlad Godzich sobre a literatura emergente, que ele distingue das literaturas em emergência. O autor reserva a segunda expressão para designar o aparecimento e o desenvolvimento – em geral em situação pós-colonial – de novas literaturas nacionais. Especialmente cf. seu texto "Emergent Literature and the Field of Comparative Literature", in Wlad Godzich, *The Culture of Literacy*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1994, pp. 274-292.

7 Evidentemente, o analfabetismo continua a constituir um critério de exclusão absoluta da galáxia de Gutenberg. Critério do qual, por exemplo, um editor brasileiro deve dispor ao determinar a tiragem de uma obra literária. Ora, justamente o Brasil encontrou fórmulas para contornar parcialmente essa exclusão, desenvolvendo o gênero televisivo da telenovela, que permite difundir as adaptações de célebres obras literárias.

8 Penso, sobretudo, nas emissões literárias de grande difusão e no alto índice de ouvintes. Nesse sentido, as emissões de Bernard Pivot praticamente se tornaram uma instituição nacional na França.

na.⁹ Mesmo assim, hoje existem algumas estratégias disciplinares que podem ser observadas. Com exceção dos movimentos de reforma já mencionados (os paliativos) e da reação retrógrada e defensiva, que consistiria em fechar ainda mais o campo e em se conformar com definições muito limitadas, motivando comportamentos disciplinares problemáticos, indicarei algumas definições que possuem uma pertinência particular para o desenvolvimento de minha proposta.

a) *A abertura interdisciplinar dos EL*. Desde seu estabelecimento institucional na universidade, os EL mantiveram um contato ativo com outras disciplinas, seja com a importação de conceitos e métodos da filosofia, da lingüística, da sociologia, da antropologia e de outras disciplinas. Essas importações respondiam talvez a uma falta de legitimidade científica. Seja o que for, onde esse contato não se realiza em sentido único (por exemplo, uma disciplina importa o método de outra ou se estabelece no alicerce conceptual de outra), mas sob a forma de uma troca ou de um trabalho de mais de uma disciplina convergindo para o mesmo objeto, podemos falar de interdisciplinaridade.¹⁰

Dois exemplos: a noção de texto é, sem dúvida, central para os EL, mas não pertence exclusivamente a uma única disciplina. Sendo assim, houve uma sinergia entre os EL e a lingüística para desenvolver um conceito de texto que, em seguida, pôde ser aplicado em diferentes campos, distinguindo diferentes tipos de texto. Um trabalho análogo foi efetuado quanto às noções de discurso e prática discursiva. Esse desenvolvimento interdisciplinar que implica, entre outros, os EL, a lingüística, a semiótica, a filosofia, teve como efeito uma abertura do trabalho dos pesquisadores literários para outros discursos. Resultado: a di-

mensão interdiscursiva do texto literário tornou-se bastante pertinente, e o discurso literário ficou sendo apenas um discurso entre outros que, a partir de então, devia se definir como uma relação com os discursos adjacentes. Esse desenvolvimento deu um golpe fatal nos esforços de definir a literatura ontologicamente.

b) *"Literary into Cultural Studies"*. Em seguida, vou me ocupar mais profundamente com uma estratégia proposta a partir de posições exteriores aos EL, mas também difundidas por representantes dos mesmos. Essa estratégia concerne à interação entre EL e EC. Na fase de surgimento e estabelecimento institucional dos EC, a integração pura e simples dos EL nos EC foi, de fato, sugerida muitas vezes. A formulação do título de um recente livro de Antony Easthope faz disso um programa explícito: *Literary into Cultural Studies*.¹¹ No entanto, Easthope não é o único a propor essa relação particular, e sua formulação desse projeto está longe de ser a menos atenuada. Brantlinger segue, igualmente, a mesma linha de argumentação em sua apresentação dos *Cultural Studies in Britain and America*. Finalmente, em Eagleton, encontramos uma retórica que, tendo descoberto na teoria literária muitos defeitos e impossibilidades, acaba sugerindo a passagem dos EL aos EC como uma tábua de salvação para os que ainda estão no navio dos EL, que afunda cada vez mais:

O que, a longo prazo, substituiria esses departamentos [de literatura] [...] colocaria, no centro da educação, diferentes teorias e métodos de análise cultural. O fato de a análise cultural não ser habitualmente proposta pela maioria dos departamentos de literatura ou não ser pro-

posta como "opção", ou de forma marginal, é realmente escandaloso e ridículo. [...]

Aqueles que trabalham no campo das práticas culturais têm poucas chances de se enganar quanto ao espaço de sua atividade.¹²

O que se propõe nesse texto é a abolição dos EL e sua substituição pelos EC. O capítulo em que Eagleton faz essa proposta – trata-se, mais precisamente, da conclusão – intitula-se "A teoria política". Com esse título, ele torna explícita a dimensão política que a teoria literária comportaria sem nunca assumi-la. Sendo necessário explicitar a relação política que ele assim estabelece entre os EL e os EC, é recomendável falar de imperialismo ou de colonialismo. Esses dois tipos de comportamento político são muito malvistas em EL – principalmente de orientação pós-colonial – que, entretanto, aprenderam a reconhecer e a conceber essas categorias políticas.

II. O texto como pedra de toque entre EL e EC

Minha intenção é propor outro tipo de relação entre EL e EC. Mas antes de abordar esse reposicionamento, parece-me recomendável fazer algumas observações preliminares de ordem pragmática, aptas a situar melhor minha intervenção.

Há cerca de vinte anos, minhas atividades de pesquisa e de ensino inscrevem-se na área de literatura comparada. Em minha universidade, ajudei a criar um departamento de literatura comparada, que em seguida dirigi por quatro anos. Durante todo esse tempo, lutei por uma abertura interdisciplinar máxima e por uma crítica da tradição eurocêntrica de minha própria disciplina.

Em virtude disso, não tenho a intenção de ser considerado um representante conservador da literatura comparada. Também não

sou um nostálgico de um mundo intacto dos EL, cujos ideais remontariam ao mundo anterior ao pós-colonial, a uma época em que as grandes nações européias ainda podiam acreditar em sua missão cultural e fazer da literatura um veículo importante dessa missão. A uma época também que ainda não tinha visto apontarem no horizonte diversas problemáticas (tais como o desconstrutivismo, o pós-estruturalismo, o feminismo) do alicerce conceptual, portador da prática em EL.

Apesar de minhas reservas com respeito a uma certa prática dos EL, minha perspectiva é a mesma dos EL, biograficamente, intelectualmente, institucionalmente. É com vistas a uma nova dinâmica entre EL e EC que a estratégia traduzida finalmente pela dissolução dos EL nos EC não me parece a mais interessante. Ela nos privaria de um espaço de interação que acaba de se abrir.

Defendo, portanto, neste texto, a manutenção das duas orientações de pesquisa, para que sua dupla perspectiva possa se encontrar no princípio de uma nova dinâmica cooperativa e para que permita a elaboração de novas questões e o avanço de novas soluções. Essa estratégia me parece intelectualmente mais promissora e institucionalmente mais produtiva que qualquer outra forma de *take over*. Numa situação marcada pela crise, e que acabo de descrever como instável e aberta a reorganizações por parte dos EL, não me parece aconselhável estabelecer novas divisões disciplinares nem recair no solipsismo de disciplinas estabelecidas. Isso porque concordo inteiramente com o que Brantlinger nos lembra no início de seu livro sobre Raymond Williams:

Ele nos ensinou, principalmente, que o trabalho intelectual não pode e não deve parar nos limites de textos individuais, de problemas ou controvérsias individuais, ou de disciplinas individuais.¹³

9 Nesse sentido, a aplicação da lógica kuhniana das "revoluções científicas" aos EL poderia se revelar como uma ação muito difícil, quando não impossível, uma vez que a pluralidade dos paradigmas nos EL é um estado permanente que não permite reconhecer passagens nítidas de um paradigma dominante a outro.

10 Entre muitas obras recentemente publicadas sobre a questão da interdisciplinaridade, mencionarei neste texto apenas o volume editado por Jürgen Kocka, após um colóquio realizado em 1986 em Bielefeld, uma das "fortalezas" da interdisciplinaridade: *Interdisziplinarität: Praxis, Herausforderung, Ideologie*, Frankfurt/ M., Suhrkamp, 1987.

11 Nova York/Londres, Routledge, 1991.

12 *Critique et théorie littéraires*, op. cit., pp. 209-210.

13 "He taught us especially that intellectual work cannot and should not stop at the borders of single texts, single historical problems or controversies, or single disciplines." Brantlinger, op. cit., p. IX.

Eis por que, por outro lado, não gostaria de ver o movimento interdisciplinar que são os EC tomarem a forma de uma *single discipline* e transformarem-se numa espécie de superdisciplina, que absorveria seu meio institucional.

Examinando mais de perto, neste momento, certos argumentos antecipados pelos EC para os EL, concentrar-me-ei no estatuto do texto como objeto de estudo. Situei provisoriamente o debate no nível do texto em geral,¹⁴ para voltar mais tarde à questão mais específica do texto literário.

É um fato que o texto escrito seja o objeto principal e uma realidade incontornável em EL. Na evolução desses estudos, houve momentos em que o texto foi tratado como um objeto absoluto, abordado no mais amplo isolamento e até mesmo transformado em fetiche, como um objeto precioso ou um cofre que contém valores secretos. Teoricamente, foi fechado numa auto-referencialidade que lhe atribuía verdades últimas da linguagem. Essa insistência na intransitividade do texto, na sua verdade enquanto retórica em processo e na sua relação autônoma com objetos representa hoje uma das tendências fortes em EL.

Existem outras tendências que, em contrapartida, acentuam a transitividade do texto, por exemplo atribuindo-lhe um estatuto de documento histórico, colocando suas estruturas em homologia com as estruturas sociais e,

de uma maneira geral, direcionando sua leitura para referentes externos. As duas tendências levaram a extremos e a excessos, mas da parte dos EC, reagiu-se apenas aos da primeira tendência. Os EL chegaram a ser identificados com essa tendência de tratar o texto como uma entidade fechada em si mesma. Disso resultou o lema em EC de transcender o texto, de ir além dele. Brantlinger formula-o como uma instrução que deve dar acesso a novos domínios do objeto: "beyond the text" (p. 11), e Meaghan Morris o repete, não sem o ceticismo que a faz empregar a preposição *beyond* entre aspas: "go 'beyond' texts...". Em seguida, ela retoma essa preposição para indicar o novo objeto situado além do texto: "... to study practices".¹⁵ O desafio consiste, portanto, em não permanecer fechado no objeto textual e em encontrar "mais além" um objeto de uma natureza diferente – e talvez menos simbólica –, que é de natureza prática.¹⁶ Em suma, o que se deseja é sair do objeto privilegiado, e às vezes único dos EL, a fim de encontrar realidades extratextuais.

De fato, o texto não é um objeto externo aos EC, mas deve estar além deles. E isso parcialmente porque associamos a eles valores e programas ideológicos de certos usos feitos pelos EL. Numa das várias narrativas históricas, que hoje provêm dos EC para traçar sua longa marcha nos dois continentes em direção ao estatuto de disciplina,¹⁷ reencontra-

mos a dicotomia texto *versus* prática como uma tensão interna aos EC. Nas palavras de Lawrence Grossberg, essa dicotomia toma uma forma particularmente acentuada, visto que ele fala, ao se referir aos primórdios do Centre for Contemporary Cultural Studies de Birmingham, de uma "luta entre uma influência literária e sociológica".¹⁸ E identifica o desafio subsequente dos EC como a transcendência da oposição "entre uma problemática textualista-idealista (sua influência literária) e uma problemática sociomaterial (sua influência social)".²⁰ É evidente que, numa formulação como essa, mesmo em se tratando de uma oposição, esta se encontra determinada de antemão em favor da "influência social", pois o adjetivo "idealista", que carrega um valor negativo no discurso dos EC, contamina negativamente o adjetivo "textualista" e, por conseguinte, a noção de texto e a tendência de lhe conceder o espaço central num trabalho de pesquisa, como é o caso em EL.

Portanto, nas duas formulações – "to go beyond the text to study practices" e "opposition between a textualist-literary and a social-materialist problematic" –, o texto é o ele-

mento que apresenta dificuldades. É, ao mesmo tempo, incontornável, uma vez que o acesso às práticas e o conhecimento delas passam, na maioria das vezes, por intervenções textuais. Simultaneamente, é preciso transcendê-lo, dada sua conceptualização limitada e seu uso "idealista" em EL. Sendo assim, o ato de transcender o texto é tanto uma dificuldade e um problema quanto uma solução. Ou, formulado de outra forma, vale mais como um lema, como uma declaração de intenção do que como solução.²¹

Conservemos então a informação de que o texto é, ao mesmo tempo, incontornável e problemático em EC. Nós o encontramos, cercado de aspas, numa definição dos EC, proposta por Lawrence Grossberg. Segundo ele, os EC ocupam-se com

as formas como "textos" e "discursos" são produzidos, inseridos e como operam na vida cotidiana de seres humanos, e com as formas como os estudos culturais tratam de descrições e intervenções em formações sociais, a fim de reproduzir, lutar contra e talvez transformar as estruturas existentes de poder.²²

cionar o livro de Patrick Brantlinger (op. cit.) e os textos de Lawrence Grossberg ("The Formation of Cultural Studies: An American in Birmingham", in Valda Blundell, John Shepherd e Ian Taylor, eds., *Relocating Cultural Studies: Developments in Theory and Research*, Londres/ Nova York, Routledge, 1993, pp. 21-66), ou de Stuart Hall ("Cultural Studies and its Theoretical Legacies", in *Cultural Studies*, op. cit., pp. 277-294).

18 [...] "struggle between a literary and sociological pull". Blundell, Shepherd e Taylor (eds.), *Relocating Cultural Studies*, op. cit., p. 34.

19 Ele identifica Richard Hoggart de maneira mais particular com esse "literary pull".

20 [...] "between a textualist-idealist problematic (its literary pull) and a social material problematic (its sociological pull)". Blundell, Shepherd e Taylor (eds.), *Relocating Cultural Studies*, op. cit., p. 54.

21 Outras soluções para sair da imanência do texto são propostas. Vou apenas mencioná-las aqui: inicialmente, o fato de levar o contexto em consideração (cf. Brantlinger: "more and better contextualization", op. cit., p. 22); em seguida, a ampliação do campo semântico de "texto" na expressão "texto cultural" (cf. Grossberg, op. cit., p. 36; Brantlinger, op. cit., p. 17). Essa última "solução" tem, no entanto, a desvantagem de desencadear muitas vezes uma metaforização da noção de texto (cf. Stuart Hall, que fala de "the metaphors of language and textuality", *Cultural Studies*, op. cit., p. 283), ou ainda de implicar um idealismo semiótico que reconduz tudo ao que é textual; após alguns trabalhos interessantes nessa orientação (p. ex. o de Geertz), a antropologia saiu dessa redução da categoria cultural para a categoria textual.

22 [...] "the ways 'texts' and 'discourses' are produced within, inserted into, and operate in the everyday lives of human beings and Cultural studies is concerned with describing and intervening in social formations so as to reproduce, struggle against and perhaps transform the existing structures of power." Blundell, Shepherd e Taylor (eds.), *Relocating Cultural Studies*, op. cit., p. 32.

14 É o que se chama de "textuality" nos debates realizados no interior dos EC.

15 Meaghan Morris, "On the Beach", in Lawrence Grossberg, Cary Nelson e Paula Treichler (eds.), *Cultural Studies*, Nova York/ Londres, Routledge, 1992, p. 463. É preciso determinar que ela menciona esse lema dos EC como uma pretensão que não corresponde, necessariamente, às realidades, e, quanto a essa pretensão, a autora, que é uma excelente leitora de textos, toma uma certa distância.

16 É necessário observar que a conceptualização do texto teve suas transformações, que seguem a direção de uma dinamização. Do texto como objeto contável, passou-se também para o texto como processo e como trabalho (Roland Barthes), como ação (Karlheinz Stierle), o que já integra na categoria "texto" certos componentes da categoria "prática".

17 O surgimento desse tipo de narrativa de autoconstituição pode, de fato, ser lido como um indício de institucionalização disciplinar. Cada disciplina deve dar a si mesma uma história, deve possuir sua própria história. É interessante observar a dupla pressão sentida pelos autores de tais narrativas: de um lado, têm vontade e necessidade de fazer essa retrospectiva autobiográfica (os percursos dos indivíduos pioneiros e da disciplina em surgimento muitas vezes coincidem), de outro, desconfiam das armadilhas inerentes a tal empreendimento (criar uma "grande narrativa" unitária e linear, apagar as diferenças, reduzir a pluralidade etc.). A título de exemplo, podemos men-

Essa definição confirma o que já havíamos observado: mais uma vez, “texto” (nesse caso também “discurso”) são os objetos principais, mas os estudamos para termos acesso a outra realidade que em si não é de natureza textual (*social formations, structures of power*). A instrução é transcender o texto. Mas de que modo o texto fornece acesso a essas outras realidades?

Essa questão levanta problemas maiores, de ordem metodológica e epistemológica, que não tenho a pretensão de resolver aqui. Que seja suficiente indicar com isso o estatuto ambivalente – ao mesmo tempo importante e problemático, central e periférico – do texto em EC, e isso em virtude da mediação da cultura por meio de texto e linguagem. Stuart Hall refere-se a isso em termos que se situam além dos lemas e oposições binárias, cujo efeito é simplificar a problemática. A seguir, um trecho de sua reflexão, na qual insiste em:

A importância crucial da linguagem e da metáfora lingüística para qualquer estudo da cultura; a expansão da noção de texto e textualidade, ambos como uma fonte de significação e como aquilo que foge à significação e a retarda; o reconhecimento da heterogeneidade, da multiplicidade, das significações, da luta para fechar arbitrariamente a infinita semiose além da significação; o reconhecimento da textualidade e do poder cultural, da representação por si mesma, como um local de poder e regras; do simbólico como uma fonte de identidade. Estes

são avanços bastante teóricos, embora, é claro, sempre tenham se encarregado das questões de linguagem (a obra de Raymond Williams, anterior à revolução semiótica, é central nessa questão). Todavia, a refiguração da teoria, feita como um resultado da necessidade de pensar as questões culturais por meio de metáforas de linguagem e textualidade, representa um ponto além do qual os estudos culturais devem hoje, necessariamente, sempre situar a si mesmos. A metáfora do discurso, da textualidade, exige um atraso, um deslocamento que me parece estar sempre implícito no conceito de cultura. [...] Há sempre algo descentralizado quanto ao meio de cultura, à linguagem, à textualidade e à significação, que sempre escapa e foge à tentativa de vinculá-los, direta e imediatamente, a outras estruturas.²³

Essa articulação atenuada da questão leva a entender a complexidade do estatuto do texto em EC. A isso acrescenta-se o fato de que os EC são um local interdisciplinar e ainda representam, pelo menos em parte, um colégio invisível que reúne pesquisadores de origem e formação bastante diversas. Segundo sua formação, esses pesquisadores se comportam diferentemente em face do fato e do objeto textual. Menciono, apenas a título de exemplo, esta declaração de Meaghan Morris, para quem a análise textual continua sendo o território mais importante, que ela não está disposta a abandonar: “Trabalharei sozinha nessa direção como o fiz no passado enquan-

to crítica textual, mais do que enquanto uma cientista social amadora.”²⁴

O que é verdadeiro no nível do percurso pessoal dos pesquisadores confirma-se, em certa medida, no nível institucional. A reorganização dos conhecimentos e de sua produção em ciências humanas e sociais representada pelos EC muitas vezes partiu de uma perturbação que se instalou nos EL e, mais precisamente, nos países anglófonos,²⁵ nos departamentos de estudos ingleses.

É bom lembrar, a título de confirmação, que Terry Eagleton postula que se substituam os departamentos de literatura pelos EC, e que Antony Easthope nos propõe um programa análogo. Último indício que confirma o vínculo genético entre EL e EC: no processo de institucionalização dos EC na América do Norte, o mais comum é se desenvolver, a partir do departamento de inglês, e às vezes até dentro desse departamento, uma atividade identificada pela minuta EC.

Todavia, mesmo que os EL sejam talvez a estrada real para se chegar aos EC, há muitos outros caminhos e percursos que também levam aos mesmos. Muitos pesquisadores atingiram os EC partindo da sociologia, da antropologia, do estudo das comunicações, entre outros. Para eles, no início, o texto não ocupa um espaço muito central, ou melhor, sua disciplina de origem utilizava o texto apenas como um veículo de informações, como um instrumento de comunicação, como um documen-

to que dava acesso a realidades extratextuais. Precisam, inicialmente, manifestar a mudança de orientação lingüística que marcou as ciências humanas e sociais nesses últimos decênios, antes de poder abordar o fato textual de maneira diferente. É preciso que reconheçam o fato da “textualidade”, como diz Stuart Hall (*acknowledgment of textuality*), a fim de poderem participar ativamente do trabalho em EC.

Esse aprendizado da “textualidade” certamente não conduz esses pesquisadores aos EL, mas faz com que cheguem a uma atitude com respeito ao texto e a um manuseio do mesmo nos quais os pesquisadores em EL são iniciados prematuramente em sua formação. Por outro lado, o que é diferente em EC é que o *corpus* textual em que se apóia a pesquisa é normalmente constituído de séries heteróclitas não provenientes de coleções de textos institucionalmente constituídos e socialmente legitimados (os “cânones”). Cada pesquisa exige a constituição inédita de uma tal série, que compreende, portanto, textos de diferentes procedências e inclui, em geral, tipos de textos muito variados. Essas séries contêm muitas vezes textos literários, mas, na maioria dos casos, transcendem o domínio literário. A esse respeito, os estudos reunidos no volume editado em 1992 por Grossberg, Nelson e Treichler, e intitulado *Cultural Studies*,²⁶ são eloqüentes. A título de exemplo, cito apenas os estudos de Paul Gilroy,²⁷ que faz uma leitura paralela de um quadro e

23 [...] “The crucial importance of language and of the linguistic metaphor to any study of culture; the expansion of the notion of text and textuality, both as a source of meaning, and as that which escapes and postpones meaning; the recognition of the heterogeneity, of the multiplicity, of meanings, of the struggle to close arbitrarily the infinite semiosis beyond meaning; the acknowledgment of textuality and cultural power, of representation itself, as a site of power and regulations; of the symbolic as a source of identity. These are enormous theoretical advances, though of course, it had always attended to questions of language (Raymond Williams’s work, long before the semiotic revolution, is central there). Nevertheless, the refiguring of theory, made as a result of having to think questions of culture through the metaphors of language and textuality, represents a point beyond which cultural studies must now always necessarily locate itself. The metaphor of the discursive, of textuality, instantiates a necessary delay, a displacement, which I think is always implied in the concept of culture. [...] There’s always something decentered about the medium of culture, about language, textuality, and signification, which always escapes and evades the attempt to link it, directly and immediately, with other structures.” Stuart Hall, “Cultural Studies and its Theoretical Legacies”, in *Cultural Studies*, op. cit., pp. 283-284.

24 [...] “I will work in this direction myself, as I have in the past, as a textual critic, rather than as an amateur social scientist”. Meaghan Morris, in *Cultural Studies*, op. cit., p. 470.

25 É um fato que, enquanto dependência lingüística, os EC – provenientes, como sabemos, da Grã-Bretanha – permanecem vinculados ao mundo anglófono e identificados com ele. Seria interessante fazer um estudo sobre a (não-)penetração de outros domínios lingüísticos e, implicitamente, culturais pelos EC. Simultaneamente, seria também interessante examinar o que distingue os EC dos *Kulturwissenschaften* que se desenvolvem atualmente em certas universidades alemãs.

26 Dada a importância material desse volume, sua gênese como uma espécie de enciclopédia, resultado de um grande colóquio internacional que teve como objeto os “Cultural Studies Now and in the Future”, dadas também as diversas narrações históricas dos EC que ele abrange, considero-o um testemunho importante da institucionalização em andamento dos EC. Ele é encorajado pela vontade de oferecer, ao mesmo tempo, a *summa* e o programa de uma disciplina em surgimento.

27 “Cultural Studies and Ethnic Absolutism”, in *Cultural Studies*, op. cit., pp. 187-198.

dois romances, sem deixar de considerar também alguns textos musicais, e de Meaghan Morris,²⁸ que faz uma leitura paralela de textos bastante diferentes (provenientes da literatura, da crítica social, da historiografia, da pintura e assim por diante), que têm em comum o cronotopo “praia”. Esses exemplos são suficientes para demonstrar que ainda é possível encontrar o texto e o discurso literário no cerne de uma análise cultural, porém rodeados de outros textos e discursos, como se fossem mais um entre tantos outros.

Concluindo, parece-me, portanto, incontestável que o estabelecimento dos EC implique uma transcendência dos EL, e isso em muitos sentidos. Por outro lado, e contrariamente a certos lemas provenientes dos EC, ele não implica a transcendência do objeto “texto” que os EC continuam a partilhar com os EL, não sem ter “importado” dos EL algo que poderíamos chamar de *know-how* teórico e metodológico sobre o texto.

III. Reposicionamentos

Após essa breve incursão em EC, para observar neles o estatuto do objeto textual, nessa última parte volto aos EL, ou, mais precisamente, às relações entre EC e EL. Defendo aqui um reposicionamento entre as duas formações, que dependeria da interação produtiva destas, não da integração de uma pela outra. Essa nova dinâmica seria antes baseada numa certa autonomia e num domínio próprio a cada uma das duas orientações de pesquisa. Múltiplas considerações estão na base dessa maneira de ver as coisas. Limito-me aqui a explicitar algumas considerações de ordem institucional, mas, em seguida, sobretudo de

ordem epistemológica.

Antes de esboçar essa interação, uma explicação prévia me parece necessária. Se falo de duas formações e se, pelas necessidades de argumentação, eu seja às vezes obrigado a atribuir a cada uma delas uma certa estabilidade e unidade, não se deve esquecer que estamos vinculados a entidades muito dinâmicas e heteróclitas. Da parte dos EC, essa prevenção foi feita várias vezes, principalmente por Stuart Hall: “Os Estudos Culturais não são uma coisa única”,²⁹ diz, e ainda: “Os Estudos Culturais têm múltiplos discursos; têm várias histórias diferentes”, “são sempre um conjunto de formações instáveis”.³⁰ Minha apresentação da situação dos EL terá mostrado que eles também oferecem uma grande complexidade e diversidade ao observador contemporâneo.

Por razões institucionais, parece-me importante que as duas formações sejam mantidas. Isso favoreceria a dinâmica interna de cada uma. Para conduzir esse aspecto a uma formulação que se aproxime do *slogan*: os EL precisam do desafio que representa para eles a própria existência dos EC; estes, em compensação, poderiam ser “salvos” de uma rápida institucionalização pela própria existência dos EL. Digo “salvos”, pois partilho da opinião de Stuart Hall, que diz não lamentar “a enorme explosão de estudos culturais nos EUA, sua rápida profissionalização e institucionalização”, mas que vê a “institucionalização como um momento de profundo perigo”.³¹

Os EC representam hoje um dos pontos de questionamento intelectual e, conseqüentemente, de reorganização e reagrupamento no setor das ciências humanas e sociais de nossas universidades. A eficácia estratégica de uma formação aberta e múltipla como essa é,

a meu ver, proporcional a seu não-estabelecimento institucional. Para muitos pesquisadores que têm uma posição institucional e que estão vinculados a uma unidade ou disciplina estabelecida, mas que sentem-se incomodados no interior dessa disciplina, os EC representam uma abertura. Esse vínculo de abertura entre as disciplinas estabelecidas (das quais os EL) e a dinâmica institucionalmente hesitante dos EC criam interstícios, criam espaços institucionais instáveis que favorecem a inovação intelectual. A lógica do que Meaghan Morris diz a respeito de dois enfoques diferentes da narração fundadora poderia se aplicar à relação entre EC e EL, tal como proposta a seguir: “Em vez de resolver suas diferenças formalmente como uma oposição, quero aceitar a tensão entre elas como produtiva. [...] essa tensão, na verdade, cria um espaço no qual posso situar meu trabalho.”³²

As razões epistemológicas em favor do reposicionamento proposto conduzem-me à noção de texto e ao estatuto diferente que ela possui nas duas formações. Acho que a maneira como os EC se deram conta do enfoque textual em EL é redutora. Eis porque comecei fazendo uma avaliação esquemática das múltiplas funções que o texto literário pode assumir, a fim de destacar a grande variedade de enfoques do texto literário, dos quais alguns, parece-me, são potencialmente de grande pertinência para os EC. Reúno os momentos dessa avaliação sob o denominador comum “epistemológico”, porque, em todas essas funções, estão em jogo diferentes tipos de conhecimento e diferentes relações cognitivas.

a) O texto literário pode representar o mundo adjacente a sua situação de produção. Essa função referencial lhe foi atribuída no contexto do projeto realista da literatura, que convida a crítica a uma leitura transitiva do texto. Essa função levanta hoje vários questionamentos, seja a respeito de suas impli-

cações ideológicas, da relação entre as palavras e as coisas, ou ainda de uma construção lingüística do real, que viria contrariar, se não suplantá-lo, a representação do real pela linguagem.

b) O texto literário pode representar, quando não fabricar, todas as peças dos mundos ficcionais. A relação entre esses mundos possíveis com uma realidade determinada é múltipla: semelhança, oposição, determinação negativa, transformação, projeção utópica ou retrospectiva etc.

Os mundos possíveis podem ter uma grande consistência interna (ser lógicos, coerentes etc.) ou ser lacunares, heteróclitos (lógicamente defeituosos, incoerentes). Resta o fato de que são sempre construídos unicamente a partir de materiais lingüísticos. Isso levanta uma questão fundamental a respeito da capacidade da linguagem e do discurso de produzir mundos, ou, pelo menos, de criar efeitos de realidade.

c) O texto literário pode se auto-representar, tomando a si mesmo como tema ou referindo-se a si mesmo de maneira mais ou menos metafórica. Essa função permite ao texto literário discutir sua própria natureza de texto, teorizar a textualidade. Ela reencontra hoje um grande interesse da parte dos pesquisadores, sobretudo daqueles que privilegiam uma teorização autotélica do fato literário e atribuem ao texto literário o estatuto de um local discursivo, que produz, em forma de um processo retórico, a verdade última da linguagem e de suas relações com o mundo. No ponto em que essa ótica predomina, as primeiras duas funções do texto literário são reduzidas a uma espécie de armadilha, a uma mistificação que faz parte da retórica do texto, sendo que os mundos reais ou ficcionais representados dispõem apenas do valor de figura a serviço da auto-referencialidade do texto literário. O que importa para minha proposta aqui é que o texto literário

28 “On the Beach”, in *Cultural Studies*, op. cit., pp. 450-478.

29 “Cultural Studies is not one thing”. *Cultural Studies*, op. cit., p. 3.

30 “Cultural Studies has multiple discourses; it has number of different histories”, “it is always a set of instable formations”. *Cultural Studies*, op. cit., p. 278.

31 [...] “the enormous explosion of cultural studies in the U.S., its rapid professionalization and institutionalization”, [...] “institutionalization as a moment of profound danger”. *Cultural Studies*, op. cit., p. 285.

32 “So rather than resolve their differences formally as an opposition, I want to accept the tension between them as productive. [...] this tension in fact creates a space in which I can place my work.” *Cultural Studies*, op. cit., p. 455.

pode traçar uma reflexão e, conseqüentemente, produzir um conhecimento sobre a própria textualidade.

d) O texto literário tem uma função interdiscursiva. Ele pode reproduzir em seu núcleo a pluralidade de discursos diferentes e especializados, que constituem seu próprio ambiente discursivo. Nesse sentido, a literatura seria o discurso específico, portanto a parte capaz de representar a totalidade de um sistema discursivo que o engloba.³³ Trata-se de uma função importante, porque permite ao texto literário – e isso em virtude de suas condições de enunciação específicas – colocar em cena e transformar experimentalmente discursos não-literários, induzir em interação práticas discursivas que a ordem do discurso separa, e até mesmo explorar ficcionalmente novas formações discursivas. Ativando essa função, o texto literário pode, diretamente ou indiretamente, traçar uma reflexão sobre a ordem do discurso, sobre a lógica interna de uma formação discursiva, e produzir um conhecimento semelhante quanto às práticas discursivas.

e) O texto literário pode representar as condições de sua própria produção e existência. Ilustrarei essa função por meio de uma série de exemplos: *Jacques, le fataliste*, de Diderot, sugere-nos uma reflexão sobre a inexistência ou a virtualização do texto literário, assim que o leitor interrompe o ato de leitura. Em *Le Chevalier Gluck* (Kreisleriana), E.T.A. Hoffmann, pelo viés da música, problematiza o estatuto da obra escrita em relação à *performance* de sua interpretação, que transforma “a obra”. Em *Une trop bruyante solitude*, Bohumil Hrabal coloca em cena um destruidor de livros, e Italo Calvino, em *Si une nuit d'hiver un voyageur...*, um escultor que utiliza livros como material. Esses dois textos representam a relação entre texto (objeto semiótico) e livro

(objeto material), sobretudo a dependência do texto a seu suporte material.

Todos esses exemplos mostram que o texto literário pode comportar uma reflexão impelida ao regime cultural do escrito e do impresso do qual faz parte. Desse modo, ele pode atrair o trabalho da história material da cultura.

f) O texto literário pode representar sua própria medialidade. Por medialidade tento traduzir o termo alemão *Medialität*, que se refere à natureza e à qualidade intermediária da literatura. Se os EL esqueceram há muito tempo esse aspecto de seu objeto, o texto, por sua vez, não deixou de conter uma reflexão sobre seu estatuto de intermediário. É na Alemanha, mais precisamente em Berlim, que um grupo reunido em torno de Friedrich Kittler realiza pesquisas centradas nessa função específica do texto literário. Os resultados são interessantes e nos mostram que a literatura produz um conhecimento de sua própria medialidade.

Tais pesquisas concentram-se, inicialmente, nas representações dos atos de escritura e de leitura, mas também de tecnologias da escritura e da transcrição que encontramos em textos literários. Paralelamente, elas antevêm a leitura de documentos de época que descrevem, determinam e estabelecem as técnicas, normas, leis constituintes de um regime cultural. Elas reconstróem também as “redes discursivas”, que nos permitem compreender como funcionava o intermediário “texto escrito” ou “literatura” num determinado momento histórico. Uma hipótese inicial interessante³⁴ pode guiar essas pesquisas e explicar, ao mesmo tempo, por que o interesse pela medialidade da literatura aparece apenas no fim do século XX: é que a autotematização e a teorização de um determinado intermediário cultural se articulariam explicitamente apenas no momento em que esse intermediário entra

em crise ou perde sua posição dominante. É o caso hoje da galáxia de Gutenberg, que sofre o choque do grande cometa do audiovisual.

g) O texto literário tem a função de representar práticas artísticas não-literárias (por exemplo, a pintura, o cinema, a música), bem como práticas não-artísticas, mas culturais no sentido amplo do termo (por exemplo, os meios de comunicação de massa, a televisão, os esportes profissionais, a publicidade), além de suas relações com essas práticas. Se nos interessamos pelas práticas culturais e, principalmente, pelo surgimento de novas práticas, o texto literário não é um lugar que dispense o interesse. Ele nos apresenta uma abundância de materiais pertinentes. Por exemplo, os textos literários contemporâneos, pós-modernos ou não, oferecem-nos um terreno muito fértil para trabalhar sobre a transformação das práticas culturais. Poderíamos reaproximar essa função do realismo literário (função a), mas não poderíamos esquecer, nesse caso, que, em relação a outras práticas culturais representadas no texto literário, essa função sempre levanta também a questão da capacidade de representação lingüística das práticas culturais. Em outras palavras, essa função nos remete sempre a uma das questões-chave dos EC: a mediação textual das práticas culturais.

Concretamente, o que persegue a literatura hoje é sua relação com a imagem: quer se trate da questão da *ekphrasis*, da repetição da tradição do *ut pictura poesis* ou da recuperação da imagem televisiva (o problema das velocidades diferentes entre discurso verbal e imagem), a tematização da interação entre palavra e imagem encontra-se muito arraigada nos textos literários contemporâneos. Isso ocorre tanto em outras áreas como na crítica literária, que recentemente desenvolveu uma especialização com o teor de “Word and Image”.

Essa apresentação enumerativa de algumas funções do texto literário certamente é

muito esquemática e longe de ser exaustiva. É necessário também tomar cuidado para não atribuir essas funções exclusivamente ao texto literário.³⁵ Além disso, não é necessário esperar que cada texto literário preencha igualmente todas essas funções. Essa enumeração deveria, sobretudo, mostrar-nos que, mesmo após o surgimento dos EC, o texto literário não deixou de ser um objeto interessante. Ela ressalta múltiplos pontos de contato e de interação possíveis entre EL e EC.

Um interesse pelas diferentes funções enumeradas e pelo fato de levá-las seriamente em consideração poderia nos ajudar a nos desfazermos de certas afirmações ou verdades veiculadas a respeito do texto e do texto literário em particular. Inicialmente, o texto literário não é um objeto idealista em si, nem um objeto que apela para um tratamento idealista. Em seguida, não é garantido o fato de ser necessário transcender o texto e o texto literário em particular para chegar a objetos ou realidades mais interessantes ou mais pertinentes.

Muito pelo contrário, a reflexão que conduz o texto literário para a própria textualidade pode ser pertinente para os EC, que reconhecem não poder contornar esse tipo de reflexão e não estar em condições de resolver as questões relativas à textualidade e à discursividade. São principalmente as últimas três funções mencionadas (representar suas próprias condições de existência, a medialidade e outras práticas culturais) que remetem a objetos e temas que os EC identificaram como pertinentes para eles, uma vez que se situam no campo dos objetos independentes do sujeito, adotado pelos EC.

Uma “escuta” comum entre EL e EC do texto literário me parece, portanto, desejável, tanto quanto me pareceria produtivo que essa escuta fosse “estereofônica”. Quero dizer com isso que se cada formação faz sua parte do trabalho e com seus próprios métodos em rela-

33 Minha formulação apóia-se na formulação proposta por Jürgen Link, que trata da função interdiscursiva da literatura. Cf. *Elementare Literatur und generative Diskursanalyse*, München, Fink, 1983.

34 Encontramos elementos dessa hipótese em Vilém Flusser, *Die Schrift: Hat Schreiben Zukunft?*, Frankfurt/ M., Fischer Wissenschaft, 1992.

35 Sobre essa base, seria concebível retomar a questão de uma especificidade literária. Com a condição, naturalmente, de incluir na questão parâmetros históricos. Tratar-se-ia, portanto, de ver como, numa determinada situação histórica, a literatura e o discurso não-literários partilham o trabalho de assumir essas diferentes funções. Poderíamos, dessa forma, determinar os conjuntos funcionais que definem os diferentes discursos.

ção aos mesmos objetos – nesse caso, os mesmos textos literários –, os resultados são potencialmente mais interessantes do que se uma das duas se apropriasse de certos objetos ou de todos eles.

Essa prática dupla pode criar um espaço intelectual e institucional de interação, capaz de fazer mais pela transformação da organização dos conhecimentos do que a criação de uma superdisciplina chamada EC, que absorveria os EL.

IV. Conclusão

Na perspectiva dos EL, esse reposicionamento os veria manter seu interesse principal pela textualidade e pela obra de arte lingüística, seja ela popular ou elitista, de circulação restrita ou de massa, resultante de uma comunidade nacional, cultural, étnica, ou outra. Sendo assim, os EL estariam em condições de auxiliar os EC a adiantar os conhecimentos a respeito desse objeto, a estimular o olhar teórico sobre a mediação lingüística e textual dos fatos culturais.

Em compensação, será necessário que os EL se abram para ouvir o que os textos literários têm a dizer sobre as práticas culturais e sobre suas próprias condições de existência. Será necessário também que eles se interes-

sem pela medialidade da literatura, a fim de reconhecer sua dependência do regime cultural do escrito e do impresso, que hoje vê sua hegemonia contestada pelo regime audiovisual. Finalmente, será necessário que os EL aceitem considerar o texto literário como um texto que depende de um discurso entre outros e que interage ativamente com todo um sistema discursivo, do qual, por outro lado, ele mesmo faz parte.

Na perspectiva dos EC, seria o caso de dialogar com os EL de hoje e não com os de ontem. De renunciar à facilidade de reduzir todos os EL a uma prática idealista, fácil de abater para chegar a objetos e problemáticas axiologicamente superiores ao texto literário. Seria o caso de se interessar pelo que novos enfoques e leituras do texto literário têm a dizer de pertinente para os EC.

Porém, em compensação, os EC exerceriam uma forte pressão sobre os EL para que estes não se fechassem dentro dos parâmetros computáveis do texto literário e fossem obrigados a inscrevê-lo no mais vasto horizonte das práticas discursivas e culturais. Os EL seriam, desse modo, solicitados a imaginar o que tal abertura do campo do objeto nos leva a descobrir quanto às dimensões ideológicas e políticas dos textos literários e de seu estudo. Eles teriam de imaginar seu próprio inconsciente político.

Tradução de Karina Jannini.

Para uma sociologia do memorial acadêmico

Um fragmento

Leopoldo Waizbort

Professor da Universidade de São Paulo

Resumo

O texto é um fragmento escrito para o memorial apresentado ao Departamento de Sociologia da FFLCH-USP para concurso de efetivação docente; busca indagar pelos limites da narrativa autobiográfica que vêm à tona nos memoriais acadêmicos.

Palavras-chaves

Memorial; sociologia; narrativa autobiográfica.

Abstract

The present text is a fragment written for the author's intellectual autobiography submitted to the Sociology Department of the FFLCH-USP, when being evaluated for tenure. It aims at inquiring about the limits of autobiographical narratives which surface in academic autobiographies.

Keywords

Academic autobiography; sociology; autobiographical narrative.

De nobis ipsis silemus.

Para o sociólogo, o memorial implica, de imediato, em uma sociologia do memorial.

Escrever um memorial não é, definitivamente, uma tarefa fácil. Mesmo nos limites da sociologia, a grande autobiografia escrita por Herbert Spencer, já há muitos anos, é um marco inaugural em um gênero de excelências e grandes obras. Decerto que o memorial acadêmico não pode postular para si a exclusividade de um gênero; mas situa-se muito próximo de toda a narrativa memorialística e, sobretudo, da autobiografia. Por sua indefinição, ele permite a aproximação com essas formas narrativas, embora, por outro lado, marque uma certa diferença, a ser creditada às exigências contingentes de sua fatura.

O memorial converte o candidato em um narrador de extração distinta da que lhe é usual. Se a escrita e algumas formas narrativas lhe são familiares, em uma vida que consiste também em escrever textos, o texto do memorial impõe suas exigências peculiares e, para muitos dos seus autores mais recentes, é oportunidade para dar curso a pretensões narrati-